

Jonny e Filinto

Espionagem, acordos secretos, traições e assassinatos faziam parte das relações entre um agente duplo infiltrado no Brasil e o chefe de Polícia de Getulio Vargas

R. S. Rose

1/10/2012

No passaporte utilizado para desembarcar pela primeira vez em solo brasileiro estava impresso o nome Franz Paul Gruber. O documento, falso, visava a esconder a identidade de Jonny de Graaf, um alemão enviado pelos soviéticos para acompanhar e auxiliar na preparação de uma revolução comunista no Brasil. Seu compromisso com essa missão, também falso, camuflava o outro propósito da viagem: atuar como agente do Serviço Secreto de Inteligência da Grã-Bretanha (SIS ou MI6), informando sobre a movimentação dos comunistas.

Era janeiro de 1935, o Brasil se encaminhava para uma ditadura e o mundo, para sua Segunda Grande Guerra. Contexto ideal para que as passagens deste agente duplo pelo país produzissem situações dignas de cinema, com direito a intrigas políticas, traições, tortura e assassinato. No meio de tantas mentiras, um homem real, e que sobreviveu à aventura.

Seus antecedentes o credenciavam a atuar sob alta tensão. Nascido em 1894, ele servira à Marinha Imperial Alemã durante a Primeira Guerra Mundial, tornando-se herói no maior embate naval do conflito, a Batalha da Jutlândia (1916). Porém, antes do fim da guerra, envolveu-se em dois motins dos marinheiros com o objetivo de derrubar o kaiser Guilherme II. Foi condenado à morte, mas teve a sentença atenuada para trabalhos forçados graças à intervenção de um oficial superior.

As idas e vindas ideológicas se aprofundaram depois da guerra. O ex-marinheiro ingressou no Partido Comunista Alemão e resolveu mudar-se para Moscou. Logo passou a trabalhar para a Inteligência do Exército Soviético, em missões no exterior para semear a revolução em diversos países. Mas suas desilusões com o regime russo rapidamente fizeram com que odiasse o comunismo tanto quanto detestava os nazistas. Estava na Alemanha em 1933, quando Adolf Hitler assumiu o cargo de primeiro-ministro. Para livrar-se tanto do cerco nazista quanto de seu compromisso com os soviéticos, decidiu pedir asilo político à Embaixada Britânica em Berlim. De posse daquele competente e bem informado espião, os ingleses não desperdiçaram a oportunidade: convenceram-no a trabalhar para eles, como um infiltrado entre os russos. Jonny relutou, mas não teve escolha. Trato feito, voltou a Moscou e foi incluído na equipe a ser enviada ao Brasil para planejar e realizar uma revolução comunista. Suas tarefas específicas: sabotagem e fabricação de bombas.

O agente duplo instalou-se no Rio de Janeiro acompanhado de Helena Krüger, que fingia ser sua esposa. Da Rússia chegavam instruções para os comunistas brasileiros, e Jonny as transmitia para seu superior, Alfred Hutt. Este, por sua vez, comunicava-se com a embaixada britânica, que então encaminhava as

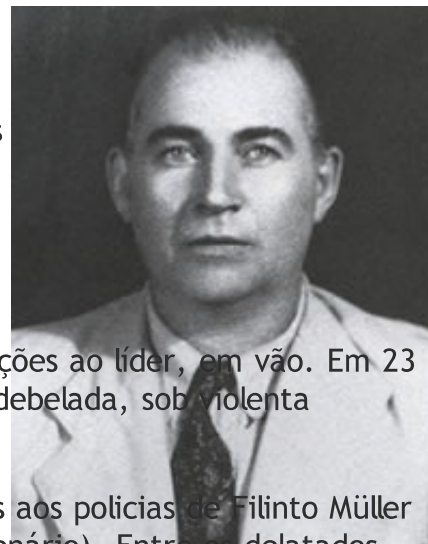


Chefe de Polícia e homem de confiança de Vargas, Filinto

Müller manteve uma relação de confiança com o agente duplo alemão.

Personagem de um enredo de intrigas, traições e assassinatos, Jonny veio ao Brasil supostamente para

informações a seu destino final: a mesa de Filinto Müller, chefe de Polícia do então Distrito Federal e homem de confiança de Getúlio Vargas. Não demorou muito para Jonny constatar os planos de Luiz Carlos Prestes (1898-1990) e seu grupo, centrados no personalismo do líder e bastante desvinculados do Partido Comunista do Brasil. Os informes secretos sobre os preparativos da revolução eram tranquilizadores para o governo Vargas, que assim podia acompanhar a mobilização à distância, esperando a hora certa de agir. Enquanto isso, Jonny ajudava a treinar os homens de Prestes em táticas de guerrilha e tentava dar orientações ao líder, em vão. Em 23 de novembro de 1935, eclodiu a revolta. Quatro dias depois estava debelada, sob violenta repressão.

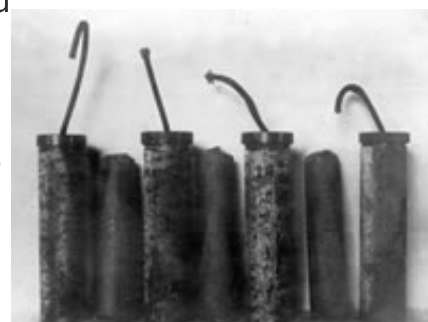


Jonny foi responsável por entregar quase todos os revolucionários aos policiais de Filinto Müller (segundo ele próprio, as únicas exceções foram Prestes e Olga Benário). Entre os delatados estava o número dois na hierarquia dos insurgentes, Arthur Ernst Ewert. Prestes foi revolucionariamente torturado, Ewert enlouqueceu. Sua mulher, assim como Olga, foi enviada a um campo de concentração, onde morreu.

Na noite de 5 de janeiro de 1936, Jonny e Filinto ficaram cara a cara pela primeira vez. Alfred Hutt foi chamado à Central de Polícia e identificou Jonny como agente do MI6, serviço de inteligência militar britânico. O espião foi liberado na manhã seguinte, mas na despedida, Filinto o incentivou a procurá-lo no futuro, em caso de necessidade.

O casal “Gruber” passou quase um ano na Argentina, até receber um chamado de Moscou: em tempos de terror stalinista, os soviéticos ordenavam que ele voltasse. Era considerável a chance de ser desmascarado como traidor, e esta hipótese provocou grande aflição em Helena. Ao constatar que a mulher se recusava a viajar, e temendo que ela pudesse vir a revelar segredos a seu namorado argentino, o espião se viu sem alternativa: assassinou a própria companheira. Antes de seguir para a Europa, fez uma parada de 16 dias no Brasil. Provavelmente encontrou-se com Filinto Müller, mas o teor da conversa é uma incógnita. Meses depois, Vargas instituiria o regime ditatorial conhecido como Estado Novo (1937-1945).

Diante das autoridades comunistas em Moscou, Jonny interpretou bem seu papel, assegurando que fez o possível para o sucesso da revolução de Prestes. Também soube camuflar seus rastros, pois a investigação promovida pelos soviéticos não conseguiu incriminá-lo. Já em 1938 era enviado para nova missão no Brasil, agora tendo como esposa Gertrude Krüger, irmã mais nova de Helena. A pedido de Londres, criaria um grupo de espiões para observar pontos estratégicos ao longo da costa brasileira. O inimigo da vez eram os nazistas.



Durante a segunda passagem do alemão pelo Brasil, Jonnye Filinto desenvolveu uma relação amigável. Certa noite, em 1939, o espião foi à casa do chefe de Polícia para discutirem as atividades nazistas no Brasil. Concordaram em manter contato direto e colaborar mutuamente.

Logo em seus primeiros meses, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) põe à prova esse pacto. Observadores de Jonny descobrem a pista de dois navios de abastecimento do alemão *Graf Spee*, em Santos. É o estopim para a primeira batalha naval da guerra no Atlântico Sul, em dezembro de 1939. O espião telegrafia os detalhes para Londres, e a Marinha Real Inglesa envia os três cruzadores mais próximos - *Exeter*, *Ajax* e *Aquiles* - no encalço do *Graf Spee*. Avariado, o navio alemão se dirige ao porto de Montevidéu, Uruguai, onde recebe permissão para permanecer por 72 horas. Sem condições de recuperar o navio em tão pouco tempo e julgando-se cercado pela Marinha britânica, seu comandante afunda o *Graf Spee* na saída do estuário do Prata.

Os alemães queriam vingança, e uma boa vítima seria o espião que os denunciou. Certo dia, andando por Botafogo, no Rio de Janeiro, Jonny de Graaf foi atingido por um caminhão “descontrolado”. Não só escapou do atentado como conseguiu capturar o responsável: o nazista Heinz Harold Schmutter, que ele matou pessoalmente num dos morros da cidade. Em consequência, os nazistas pagaram 300 dólares a alguém com uma posição elevada para tê-lo detido. O dinheiro não foi para Filinto, pois a ordem veio diretamente da mesa do ministro da Guerra - e futuro presidente -, Eurico Gaspar Dutra. O documento, rubricado com dia e horário de sua chegada à Polícia Central, foi recebido e assinado por Filinto, que escreveu na parte superior da folha a palavra “URGENTE” em lápis vermelho.

Acusado de espionagem para a União Soviética, Jonny foi levado de lancha à Fortaleza de Santa Cruz, onde ficou detido. Seguiram-se então sessões de tortura que se estenderam por várias noites. Algum tempo depois, o espião ouviu um dos guardas dizendo a um colega que não haveria mais tortura para o Sr. Gruber porque o cruzador britânico *Ajax*, da batalha com o *Graf Spee*, tinha acabado de fazer uma “visita de cortesia” ao Rio de Janeiro. Londres queria seu homem liberado.

O governo inglês convenceu o brasileiro a deixar os soviéticos acreditarem que seu agente morrera na prisão. No fim, Filinto explicou a Jonny que ele e Gertrude seriam convidados a abandonar o Brasil. O casal teve que vender todos os seus bens a preços reduzidos, mas foi em cabines de luxo que embarcou rumo a Londres, em fevereiro de 1940. Lá, novos nomes estavam à sua espera, junto com novas tarefas para o MI6.

Filinto Müller morreu em um acidente aéreo em 1973, aos 73 anos, num campo de cebolas nas proximidades de Aeroporto de Orly, em Paris. Jonny morreu em 1980, aos 86 anos, no Canadá. Atendia, então, por John Henry de Graaf.

R. S. Rose é coautor de *Johnny: a vida do homem que delatou a rebelião comunista de 1935* (Editora Record, 2010), em parceria com Gordon D. Scott.

MENDONÇA, Eliana Rezende Furtado de (Dir.). Os arquivos das polícias políticas: reflexos de nossa história contemporânea. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1994.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da ilusão: A revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. Revolucionários de 35: sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- [Publicar no Facebook](#)